

POR UMA SEMIÓTICA ANTIRRACISTA¹

Bruna Rocha²

Cássio Santana³

Universidade Federal da Bahia

Resumo: O presente artigo sistematiza a experiência do minicurso "Racismo e Mídia no Brasil: uma abordagem semiótica", realizado pela plataforma Semiótica Antirracista com o objetivo de discutir e analisar o racismo midiático à luz do estudo dos signos. Para tanto, articulamos as principais abordagens dos teóricos da Semiótica aos estudos do feminismo negro e da Sociologia, para compreender de que maneira ferramentas analíticas semióticas podem responder a questões historicamente denunciadas pelos movimentos negros e antirracistas, ainda vigentes no cotidiano. O minicurso provocou comunicadores antirracistas a se apropriarem dos estudos semióticos para qualificar o debate e a atuação política sobre o tema, e este artigo busca chamar a atenção da comunidade acadêmica que pesquisa Semiótica para a responsabilidade em assumir o problema teórico e político do racismo como central para o campo.

Palavras-chave: Semiótica. Discurso. Racismo. Semiótica Antirracista.

INTRODUÇÃO

Os estudos da Semiótica têm origem na produção científica dos países nórdicos, tendo na produção de Ferdinand de Saussure e Charles Sanders Peirce marcos fundamentais que influenciaram a construção de um campo em torno do estudo dos signos. A Comunicação, a Cultura e a Literatura foram as áreas de conhecimento fundamentalmente beneficiadas pelo surgimento da nova ciência que se propôs a analisar a dinâmica dos signos na produção de sentido e na construção de linguagens que mediam o mundo social.

O racismo é um processo histórico estrutural (ALMEIDA, 2019) que divide socialmente as pessoas a partir do fenótipo, atribuindo-lhes valor moral baseado em relações de poder. O racismo foi a base ideológica do escravagismo, cujo modelo disseminado e transformado em matriz econômica da experiência colonial é a herança

¹ Trabalho apresentado no GP – Semiótica da Comunicação no 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Bruna Rocha é jornalista, mestra em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia, pesquisadora do Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD), idealizadora e uma das coordenadoras da plataforma Semiótica Antirracista.

³ Cássio Santana é doutorando em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia, pesquisador do Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD) e um dos coordenadores da plataforma Semiótica Antirracista.

direta das democracias modernas. Por isso, as formações sociais e discursivas (FOUCAULT, 2008) do racismo seguem operando mesmo na república e se reproduz nas relações individuais mas, sobretudo, nas circunstâncias sociais de profunda desigualdade e violência para pessoas negras e não-brancas.

Enquanto processo histórico, o racismo estrutura também a cultura e toda sorte de relações simbólicas e materiais que ela comporta. Neste sentido, a produção midiática hegemônica opera com signos racistas e a desnaturalização destes símbolos sempre ficou a cargo dos movimentos negros e antirracistas. Na academia, as ciências sociais vêm se debruçando sobre o tema, assim como os Estudos Culturais, especialmente a partir da contribuição de Stuart Hall. Acreditamos que a pesquisa em Semiótica pode e deve se engajar mais na investigação dos fenômenos culturais racialmente determinados, pois dispõe de ferramentas importantes para o manejo das complexidades e diversas camadas que o racismo apresenta, especialmente no Brasil, onde sua principal forma social é conhecida por “mito da democracia racial”.

Este artigo tem o objetivo de sistematizar o conteúdo e a didática abordada no curso *Racismo e Mídia no Brasil: uma abordagem semiótica*⁴, iniciativa da plataforma Semiótica Antirracista com o objetivo de aproximar os conceitos e operadores teórico-metodológicos da Semiótica dos anseios e reivindicações históricas dos movimentos antirracista, dos estudos sobre raça e gênero, sobretudo para pensar o racismo midiático e sua possível desconstrução.

SIGNO, MITO E REPRESENTAÇÃO: O RACISMO E AS OPERAÇÕES DE SENTIDO

Iniciamos o curso com uma metáfora: a semiótica é a matemática do sentido. Não tão exata quanto a matemática e não tão abstrata quanto a filosofia, a Semiótica se apresenta como um desafio hermenêutico diante da formação positivista hegemônica nos métodos de aprendizagem difundidos na educação e no mundo do trabalho na sociedade brasileira. Mesmo lidando com uma turma formada majoritariamente por profissionais de comunicação, lidamos com o fato de que a maioria deles apresentavam uma dificuldade muito incipiente de compreender a disciplina, para que ela serve, do que se trata, qual seu objeto de estudo.

⁴ O Curso, que contou com a participação de mais de 400 pessoas, com uma maioria de profissionais de Comunicação e Cultura, está indo para a sua quinta edição.

A metáfora inicial, portanto, cumpriu o papel de simplificar o diálogo e trazer a complexidade do problema semiótico para uma linguagem corrente. Claro que se trata de uma aproximação grosseira, do ponto de vista literal, mas na didática dos encontros funcionou bem para diluir a barreira epistemológica entre nós e a turma. Tratamos o signo como *qualquer unidade dotada de sentido* e exemplificamos com objetos ao alcance das mãos. Por que algumas pessoas chamam este objeto de garrafa térmica e outras de *quente-frio*? Indagamos. E assim, propomos um exercício para que as pessoas compreendessem que a produção de sentido sobre as coisas é um processo histórico, socialmente compartilhado e na maioria das vezes arbitrário. A partir deste gancho, demos início à discussão do sistema semiológico do signo linguístico em Saussure (2006).

Dentro da perspectiva saussureana, o signo é uma unidade composta de duas dimensões: significante e significado. As duas partes do signo podem ser pensadas ainda como forma e conceito, ou imagem acústica e conceito mental (SAUSSURE, 2006). Localizamos para a turma qual o problema do autor, que era a construção de um esquema analítico para compreender o sistema linguístico enquanto estrutura socialmente partilhada, independente do idioma ou de que língua específica tivesse falando. Do ponto de vista antirracista, apresentamos que a contribuição de Saussure é valiosa no sentido de desnaturalizar a língua, uma das mais importantes dimensões da construção do mundo social enquanto uma realidade (BERGER E LUCKMANN, 1985), e estrutura através do qual o Racismo enquanto paradigma de organização social, se mantém.

Para tratar da arbitrariedade e linearidade do signo linguístico, trouxemos exemplos de expressões de cunho racista como *denegrir, criado mudo, mulata, preterimento, cabelo ruim e cabelo bom*. Utilizamos quatro exemplos para explicar a relação entre o eixo sintagmático e o eixo paradigmático na perspectiva do signo linguístico. As frases “que negra bonita”, “que negra feia”, “que branco bonito” e “que branco feio” foram analisadas à luz da discussão sincrônica e diacrônica de construção de sentido, para além do aspecto morfossintático que seria evidenciado em uma análise mais estruturalista. Nosso argumento é que as quatro frases têm modos diferentes de expressar o racismo, mas todas elas são racistas, pois associam a racialidade das pessoas à possibilidade de ser ou não ser belo. Na primeira frase, identificamos que as palavras “que negra bonita” convocam um sentido de excepcionalidade e reivindica um

imaginário de uma mulher negra socialmente aceita e, portanto, embranquecida. Em uma perspectiva antirracista, bastaria dizer “que mulher bonita”. Já na frase “que negra feia!”, entendemos que o sintagma convoca um sentido paradigmático de que a mulher negra não pode ser bela, bem como o sentido de excepcionalidade ganha fôlego novamente com a frase “que branco feio”, como se branco e feio não pudessem estar na mesma frase - se é branco, logo é bonito.

Refletimos o quanto o eixo paradigmático mencionado por Saussure sustenta uma carga e uma memória de estereótipos e representações sociais que atribuem aos contextos linguísticos com suas palavras e expressões, sentidos que reforçam o imaginário racista. Obviamente, não se pode desconsiderar as singularidades e individualidades de cada sujeito envolvida na situação de comunicação em questão, mas na experiência do curso, as mais de 400 pessoas que integraram as turmas ao longo das quatro edições realizadas, todas e todos concordaram com os sentidos dominantes partilhados pelas sentenças. A reflexão sobre o sistema semiológico de Saussure, portanto, contribuiu para qualificar uma discussão corrente entre os/as profissionais de comunicação interessados/as na agenda antirracista, trazendo os incômodos e o processo de desconstrução de diversos tipos de racismo linguístico, a partir das noções de significante e significado, arbitrariedade e linearidade, sintagma e paradigma.

No Brasil, o mito é uma fala racista

A discussão sobre o mito - segundo sistema semiológico de acordo com Roland Barthes (ANO) foi estruturada por uma reflexão sobre as apropriações do mercado sobre a pauta racial, esvaziando-a de sua historicidade e atribuindo-lhe valor comercial. O mito, segundo Barthes, é uma fala roubada, despolitizada e esvaziada de seu significado originário. Por ser uma operação de sentido, na qual o signo do primeiro sistema semiológico vira significante de um segundo sistema que irá atribuir-lhe novo significado, o mito para Barthes era o mecanismo semântico principal da burguesia francesa estruturar-se enquanto classe universal e neutra, a partir dos seus modos de vida e seus interesses particulares, mitificados como modos de vida e interesses coletivos.

Trouxemos a discussão de Barthes para pensar não a burguesia, mas a branquitude na sociedade brasileira contemporânea. Perguntamo-nos de que modo a branquitude se sustenta como maioria política em um país de maioria populacional

negra, do ponto de vista semiótico. Trouxemos alguns dados sobre a proporção de pessoas brancas na televisão, no cinema e em áreas de destaque nos meios de comunicação massivos e mesmo nos alternativos e compreendemos que a artificial maioria de pessoas brancas nas produções midiáticas pode ser explicada com o segundo sistema semiológico. A construção do mito de uma maioria branca é fundamental para manter a estrutura desigual de dominação e exploração sustentada pelas relações raciais no Brasil.

A recém publicada pesquisa “A raça e o gênero das novelas nos últimos 20 anos”⁵ realizada pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, revelou que 90% das personagens centrais em novelas brasileiras, entre 1995 e 2014, foram brancas. O trabalho identificou ainda que apenas três atrizes representaram as sete protagonistas⁶ não-brancas ao longo de todo o período analisado. Outra pesquisa, denominada “A cara do cinema nacional”⁷, também do GEMAA, revelou que 84% dos diretores dos filmes com maior bilheteria realizados entre 2002 e 2012 eram homens brancos, e 80% do elenco de pessoas brancas.

Em nossa leitura, essa maioria artificial constrói um mito de maioria branca no Brasil, que impregna o imaginário social, limitando as expectativas de representatividade para pessoas negras e atualizando o delírio racial da branquitude de uma suposta maioria populacional, que diminui os constrangimentos incontornáveis dos espaços sociais reservados para essas pessoas, a exemplo dos cargos eletivos, dos espaços de poder, dos bairros nobres, nas profissões mais bem remuneradas e socialmente valorizadas, como a Medicina, o Direito, as Engenharias.

Ainda sobre o mito, em uma discussão sobre forma e conceito, Barthes discorre que é profundamente dinâmica e sujeita aos movimentos históricos a relação entre ausência e presença do sentido nos processos de significação que o mito comporta.

Sendo, portanto, um movimento complexo e dinâmico de significação, o mito compreende operações que diluem as fronteiras entre forma e sentido, significante e significado, com o objetivo de atender a determinado direcionamento semântico. No

⁵ Os dados da pesquisa estão disponíveis em: <http://gemma.iesp.uerj.br/infografico/infografico3/>

⁶ As protagonistas foram interpretadas pelas atrizes Taís Araújo, Juliana Paes e Camila Pitanga.

⁷ Os dados da pesquisa estão disponíveis em: <http://gemma.iesp.uerj.br/infografico/infografico1/>

curso, trouxemos no exemplo do filme publicitário “Duas Mulheres. Duas Vidas. Uma luta”⁸ realizado pela Conspiração Filmes, com apresentação do Bradesco sobre a vida da cantora Elza Soares e da judoca Rafaela Silva. O filme se apresenta como um espaço de denúncia da história de superação da dor e do sofrimento de duas mulheres negras que *venceram* na vida apesar de todos os problemas que enfrentaram.

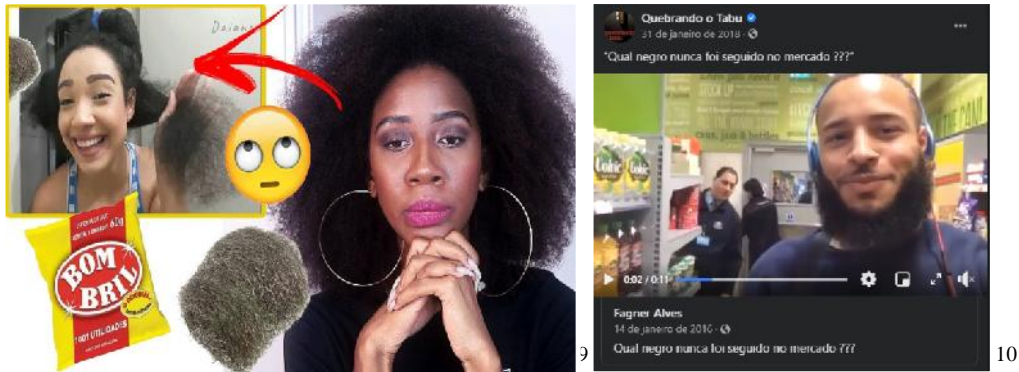
A narrativa de comoção e de romantização do sofrimento é presente ao longo de toda narrativa, ficando mais evidente ainda no texto. “Cada porrada que eu levei na vida pra mim foi como se fosse um beijo”, dizia um trecho narrado por Elza. Temos um exemplo claro de uma fala roubada e restituída. Trata-se do racismo e de sua superação em uma perspectiva individualizante e pautada na meritocracia, valores caros ao mundo dos bancos e do mercado financeiro. A estética da luta racial e de gênero que está sendo convocada pela presença das personagens e mesmo pelo título do filme, são aqui utilizados como um suporte para uma outra mensagem: “se você lutar mesmo com todo sofrimento da vida, você vai vencer. Tudo depende de você”. Sabe-se, entretanto, que a luta racial é uma luta coletiva, pautada em direitos civis, bem como a pauta contra o sexismo. Mas um olhar distraído, rapidamente, pode tomar a narrativa do filme como a narrativa dos movimentos negros e de mulheres. É deste modo que a fala mítica opera.

O problema da representação: o ícone, o índice, o símbolo e as imagens de controle

Uma vez identificada a escancarada sub-representação de pessoas negras na produção midiática brasileira, partimos para analisar os tipos de representação existentes. Para tanto, recorremos ao paradigma triádico do signo peirciano para exemplificar de que maneira o racismo midiático se estrutura a partir das dimensões icônica, indicial e simbólica do signo e do quanto essas dimensões podem se tornar volátil a depender da forma como este signo é manuseado na cultura. Sabemos que as categorias metodológicas que Peirce apresenta em sua teoria cognitiva não devem servir para engessar a leitura sobre a semiose e que a relação entre objeto, representâmen e interpretante é dinâmica e está sujeito à contingências sociais e particulares. No entanto, nos colocamos a pensar sobre alguns estereótipos consolidados na cultura racista para refletir de que maneira o processo de significação das relações, dos corpos e de determinadas situações poderiam ser explicados à luz das categorias peircianas.

⁸ Filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ajClO8keA1c>

Trouxemos algumas situações que, a princípio, ilustram bem o que entendemos por relação indicial, icônica e simbólica do racismo.



Os exemplos das imagens acima foram levantados para a discussão da dimensão icônica e indicial do racismo. Para pensar a dimensão icônica e a recorrente comparação de partes do corpo negro a objetos, trouxemos a reflexão sociológica de feministas negras como bell hooks (2019) e Patricia Hill Collins (2016) sobre o quanto o racismo organiza a partir da paradigma binário sujeito-objeto, no qual corpos negros tiveram historicamente seu status de sujeito usurpado pelos processos de escravização e exploração e o quanto essas contingências estruturais deixaram marcas na construção do imaginário social. Ora, porque o cabelo liso não é comparado a nenhum objeto e o cabelo crespo o é? Talvez faça mais sentido quando lembramos do caso de Sarah Bartmann, mulher negra sul-africana, que foi durante anos exibida em feiras na Europa, e cujas partes do corpo seguiram sendo exibidas em museus mesmo após sua morte¹¹.

Para pensar a dimensão simbólica do racismo, com signos já consolidados culturalmente, trouxemos o exemplo das representações de mulheres negras na mídia hegemônica, e porque quase sempre a sua presença foi associada ao trabalho doméstico ou à estereótipos hiperssexualizados. O conceito de *imagens de controle* (COLLINS,

⁹ Frame do vídeo da Youtuber Camilla de Lucas sobre a associação do cabelo crespo à esponja de aço, conhecida pela marca Bombril. Muitas crianças negras com cabelo crespo sofreram esse tipo de acusação e comparação do racismo na infância. Ver vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=eS8CwxrpIo4&app=desktop>

¹⁰ Vídeo em que homem negro é seguido no supermercado que viralizou através da página Quebrando Tabu: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/posts/qual-negro-nunca-foi-seguido-no-mercado-/1781013548621691/>

¹¹ bell hooks (2016) traz uma reflexão sobre o quanto essa recente condição estrutural à qual muitas mulheres negras foram submetidas é determinante ainda nas representações sociais sobre o corpo negro e toda dimensão *sugestivamente* mimética do racismo, construída a partir de comparações de pessoas com animais e objetos. Sobre o caso de Sarah Bartmann, ver em https://pt.wikipedia.org/wiki/Saartjie_Baartman

2016) nos ajudou a refletir de que modo estes símbolos, ou o que Peirce chama de terceiridade, estão profundamente articulados a condições materiais da vida das pessoas negras e especialmente das mulheres negras. Collins chama a atenção para o quanto as imagens de controle da criada, da mãe preta e da meretriz vêm legitimando, respectivamente, o controle dos corpos das mulheres negras no imaginário público no trabalho de cuidado e de exploração sexual. O conceito de representação que, para Stuart Hall (2016), “conecta o sentido e a linguagem à cultura”, a qual, por sua vez, não está dissociada da base material da sociedade, mas é constitutiva dela (HALL, 2016), dialoga bem com a noção de *imagens de controle*, as quais inclusive, podem ser “positivas” e ultrapassam a noção de “estereótipo”, pois correspondem não a arquétipos exagerados e caricatos, mas a representações sociais profundamente enraizadas no imaginário, operando quase sempre no âmbito da terceiridade.

Collins diz que a população negra e especialmente as mulheres negras devem resistir às *imagens de controle* através dos processos de autodefinição, trazendo como exemplo as experiências do Blues e da literatura feminista negra, como espaços estratégicos de reparação do status de Sujeito das mulheres negras afroamericanas. Imagens de Controle funcionam, portanto, assim como o mito em Barthes, como um processo de significação através do qual ideias racistas são difundidas, naturalizadas e produzem contingências materiais e objetivas para determinados corpos, neste caso, os negros.

O COTIDIANO E A CONSTRUÇÃO SEMIÓTICA DO MUNDO SOCIAL

Quando tratamos da Semiótica a partir de uma perspectiva antirracista, perguntamo-nos como o conhecimento a respeito dos indivíduos, particularmente de negros e negras, se estabelece em nossa sociedade como estatuto de verdade. Por isso, deve-se observar de que maneira o sentido é construído socialmente.

Para pensar como os signos e discursos engendram representações sociais e, particularmente, constroem conhecimento sobre personas negras, partimos da premissa do que se entende por realidade é uma construção social histórica e politicamente estruturada (BERGER e LUCKMAM, 1985). As objetivações dos processos sociais no cotidiano, tornados práticas discursivas, constroem o senso comum a respeito da negritude. Para Gramsci (1996), o senso comum expressa a concordância a uma cosmovisão social a-histórica, que, por sua vez, expressa elementos sociais históricos.

Falar, por outro lado, de senso comum é tratar, necessariamente, de uma apreensão desatenciosa do sentido, o que nos leva à lógica do cotidiano. O cotidiano é um ponto chave para compreendermos o racismo, por ser uma dimensão que apreendemos a realidade de maneira desinteressada, sem grandes questionamentos quanto ao seu funcionamento. Só se avalia as engrenagens do cotidiano se ocorrer algum tipo de problema que quebre a lógica do cotidiano. A vida cotidiana, então, apresenta-se como uma realidade dotada de sentido na medida em que forma um mundo coerente (BERGER e LUCKMAM, 1985).

A lógica do cotidiano legitima um conjunto de violências como naturais, desde simbólicas a físicas. Um caso emblemático, porque ilustrativo, e que trouxemos no curso, é o caso do homem branco em situação de rua em Curitiba que ficou conhecido como “mendigo gato”¹². O fato chamou atenção da mídia e transeuntes pelo simples fato de o homem ser branco e considerado bonito. O restante das pessoas em situação de rua, majoritariamente, pessoas negras e tidas como desviantes do padrão estético dominante, não costumam ter a mesma atenção, porque são pessoas que a lógica do cotidiano diz que estão em seu lugar natural, a mendicância é natural para essas pessoas, como algo normal. O caso do “mendigo gato” ganhou repercussão nacional e o rapaz foi entrevistado em programas de entretenimento.

O branco, por conseguinte, quando em situação desfavorável socialmente, é visto como insólito, chancelado pela produção de discursos sociais a respeito do cotidiano, enquanto que negras e negros são colocados em situação desfavorável, é como se a população negra estivesse fadada à desgraça ou à pobreza, em uma relação de casualidade entre ser preto e ser pobre, sem levar em consideração que esta situação veio-a-ser a partir de contingências históricas e estruturadas pelo racismo. A naturalização destes lugares pré-estabelecidos para corpos negros e brancos, deslocada da historicidade, é sustentada culturalmente pelos discursos, negando o processo pelo qual grande parte da população negra foi lançada à margem da sociedade, e ratificando o status quo que aqui tratamos como lógica do cotidiano.

¹² Rafael Nunes, conhecido como “mendigo gato”, ganhou fama ao ter uma foto sua publicada na internet. O homem, branco, alto e de olhos azuis, após a repercussão, foi convidado a programas de televisão e recebeu ajuda. O interessante é que, tanto para os transeuntes quanto para os meios de comunicação, o inusitado era fato de Rafael ser “bonito”, que se aproxima, de maneira velada, em ser branco. Tudo girou em torno de uma pessoas branca e bonita está em um lugar que, “por natureza”, é de negros e negras.

Para adquirir o status de normalidade e naturalidade, os discursos sobre a negritude e a branquitude que regem a lógica do cotidiano precisam ser a todo momento reforçados, e isto compreende uma condição *sine qua non* para a manutenção das violências contra a população negra. Como Berger e Luckman (1998) pontuaram, o cotidiano ancora-se, em grande medida, a partir de uma rede intersubjetiva entre os indivíduos, em que os significados a respeito do mundo são consensuados.

Muniz Sodré (2006) indicou que, em qualquer relação comunicativa, além daquilo que é estabelecido pelo enunciado há uma relação entre duas subjetividades a partir de uma rede intersubjetiva de significados. Os signos, de acordo com Sodré, têm uma dimensão estética, de *aisthesis*¹³, na medida em que prescindem de uma racionalidade para significar ou valorar algo, se estruturando fundamentalmente a partir de uma relação sensível.

Em termos mais práticos, a questão pode ser resumida assim: Quem é, para mim, este outro com quem eu falo e vice-versa? Esta é a situação enunciativa, da qual não dão conta por inteiro a racionalidade lingüística, nem as muitas lógicas argumentativas da comunicação. Aqui têm lugar o que nos permitimos designar como estratégias sensíveis, para nos referirmos aos jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem (SODRÉ, 2006, p.10)

Sodré indaga-se em que medida é possível pensar em uma potência emancipatória na dimensão do sensível, para além de uma razão instrumental. Para o autor, que se baseia no postulado de Mario Perniola, vivemos em uma época estética, uma vez que o campo do sentir é predominante. Signo estético, para Sodré, “funciona como signo de “comunicação”, abrindo-se para uma semântica do imaginário coletivo, presente na ordem das aparências fortes ou formas sensíveis que investem as relações intersubjetivas no espaço sociais” (SODRÉ, 2006, p.90).

Perguntamo-nos, no minicurso, em que medida os corpos negros são afetados negativamente a partir da produção do discurso social sobre negros e negras, no que pressupõe as estratégias sensíveis apresentadas em Sodré. Como Fairclough (2001) indicou, os indivíduos são confrontados, antes de tudo, por práticas sociais concretas, que foram elas mesmas constituídas e assentadas através de práticas discursivas, e vice versa, em uma relação dialética. Concluímos que há uma produção de discursos sociais perversa sobre negros e negras no cotidiano, e nos meios de comunicação e elas

¹³ Faculdade de sentir ou compreensão pelos sentidos.

atravessam e são atravessadas pelas práticas genocidas que o Estado brasileiro legitima, sobretudo a partir da violência policial.

Sodré dialoga com Peirce acerca do signo indicial, para inferir sobre os processos de construção da significação na relação com o sensível. O índice refere-se à memória, ou à bagagem, ao repertório dos indivíduos sobre outros e coisas que podem ser acessado através de um signo.

As práticas e discursos violentos recorrentes contra a população negra formaram o que entendemos como um *regime indicial racista* em relação aos corpos negros. Trata-se da dimensão afetiva do signo proposta por Sodré, da capacidade que os signos e, conseqüentemente, os discursos, têm de afetar, produzir e armazenar sensações, lembranças, sejam positivas ou negativas. O racismo opera a partir de estratégias sensíveis, mobilizando afetações negativas, desumanizando, tornando indiferente aquilo que é violento, vil e inaceitável.

As afetações em relação aos corpos negros, todas as violências que as chacelam, criam uma espécie de “limbo da indiferença”, de modo que tudo aquilo que é apreendido em relação à população negra, em termos de violência, é apreendido com indiferença, que é tido como normal, que aquilo se estrutura na lógica do cotidiano enquadrado natural e habitual. O cotidiano, portanto, a partir de práticas discursivas e não-discursivas, legitimam o racismo, as violências sofridas pela população negra diariamente, e os meios de comunicação têm papel central neste cenário.

Em uma de nossas investidas no minicurso, perguntamo-nos como funcionam e operam as lógicas discursivas que legitimam e reforçam as violências contra negros e negras, sobretudo pensando nos discursos midiáticos. Primeiro, como dissemos, as violências contra a população negra se dão a partir de práticas discursivas e não-discursivas, que estão intimamente imbricadas na manutenção e reprodução destas violências. Uma das é a falta de representatividade nos espaços de poder.

De acordo com último censo do IBGE¹⁴, pretos e pretas somam metade da população, 56,1%, mas ocupam 1/10 das cadeiras do parlamento brasileiro, Câmara e Senado. Recentemente, Tribunal Superior Eleitoral (TSE), decidiu importar regras

¹⁴ Ver <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html#:~:text=O%20IBGE%20pesquisa%20a%20cor,brasileira%20com%20base%20na%20autodeclara%C3%A7%C3%A3o.&text=De%20acordo%20com%20dados%20da,1%25%20co mo%20amarelos%20ou%20ind%C3%ADgenas.>

equânimes na distribuição de recursos de campanhas políticas para candidaturas de pretos e pretas. Para refletir sobre esse cenário, usamos, sobretudo, o pensamento de Jacques Rancière (1996), para pensar como se dá a distribuição e legitimação de discursos. Rancière apresenta duas noções, consideradas lógicas, polícia e política. Polícia, segundo Rancière, seria uma lógica de ordenamento dos corpos que define divisões em diferentes níveis, justamente para contá-los e contabilizá-los em partes desiguais, para depois distribuí-los de acordo com uma visibilidade ou com uma invisibilidade. Neste movimento, definem-se “os modos de fazer e os e modos de dizer que convém a cada um” (RANCIÈRE, 1996, p.39) .

A polícia é assim, antes de mais nada, uma ordem dos corpos que define as divisões entre os modos do fazer, os modos de ser e os modos do dizer, que faz que tais corpos sejam designados por seu nome para tal lugar e tal tarefa; é uma ordem do visível e do dizível que faz com que essa atividade seja visível e outra não o seja, que essa palavra seja entendida como discurso e outra como ruído (RANCIÈRE, 1996, p.42)

A polícia, enquanto ordem do sensível, define os lugares de cada indivíduo, e isto compreendendo que, ao fazê-lo, ensejará espaços vazios e ausências. Dito de outro modo, e tendo em vista que a lógica policial compreende um número limitado de corpos/indivíduos, a polícia criará estruturas que dizem respeito a um grupo de indivíduos apenas, e a eles são afins, de modo que outros indivíduos não serão considerados. A ordem policial, enquanto construto para manter o status quo, irá justamente legitimar as relações desiguais entre brancos e negros. Enquanto que o discurso de pessoas brancas é escutado e compreendido, o discurso da população negra é tido com ruído, da ordem do ininteligível, porque não é parte da estrutura policial, não é contado nem contabilizado, não detém a logos (GOMES; OLIMPIO, SANTANA, 2019)

Quando a lógica policial é, de alguma maneira, questionada, ao se evidenciar sua pseudo-universalidade e acepção limitada do sensível, tem-se o que o Rancière chama política. A bem da verdade, para que haja política, portanto um estranhamento em relação à lógica policial, é necessário a introdução do que Rancière chama de dano. E isto só ocorre quando as ausências - ou os ausentes - ganham forma e fazem frente à lógica policial (GOMES; OLIMPIO, SANTANA, 2019).

[existe] política porque aqueles que não têm direito de ser contados como seres falantes conseguem ser contados, e instituem uma comunidade pelo fato de colocarem em comum

o dano que nada mais é que o próprio enfrentamento, a contradição de dois mundos alojados num só: o mundo em que estão e aquele em que não estão, o mundo onde há algo "entre" eles e aqueles que não os conhecem como seres falantes e contáveis e o mundo onde não há nada (RANCIÈRE, 1996, p. 40).

No curso, trouxemos o exemplo de uma edição do programa Brasil Urgente Bahia, em que o jovem Paulo Sérgio Silva Souza, suspeito de roubo e posteriormente de estupro, foi humilhado por uma repórte. O discurso de Paulo, além de deslegitimado, virou motivo de chacota. Paulo, um jovem negro, tem seu discurso deslegitimado para uma lógica que diz que só o branco merece consideração. Paulo é instigado a se explicar, como se o crime já fosse certo, com a complacência dos policiais.

Buscamos compreender como os discursos são construídos em relação a negras e negros, e o que se encontra são uma série de violações, sejam explícitas ou implícitas. O silêncio, a ausência, a invisibilidade, são também componentes fundamentais desta lógica racista da sociedade que reverbera na construção de discursos sociais.

POR UMA SEMIÓTICA ANTIRRACISTA

Este artigo sistematizou a experiência do curso “Racismo e Mídia no Brasil: uma abordagem semiótica”, iniciativa para articular conceitos e métodos da Semiótica com uma perspectiva de análise midiática antirracista. Para tanto, trabalhamos com a perspectiva do signo linguístico para refletir como o racismo de manifesta na língua e de que maneira é possível desnaturalizar hábitos linguísticos e culturais racistas, recorrendo ao modelo do sistema semiológico desenvolvido por Saussure e Barthes.

A discussão sobre o signo triádico de Peirce foi feita à luz dos estudos sobre representação, estereótipos e *imagens de controle*. Recorremos à exemplos de representações midiáticas para ilustrar as múltiplas camadas com que o racismo estrutura o imaginário social, suas nuances e complexidades. A relação dinâmica e móvel entre objeto, representamen e interpretante parece-nos uma chave analítica para aprofundar o estudo sobre os processos de significação que estruturam os estereótipos, as *imagens de controle* e as representações. Parte-se do pressuposto que a desconstrução do racismo e o seu combate político não pode prescindir destas ferramentas teóricas e analíticas que a Semiótica pode oferecer. Neste sentido, nosso trabalho não apenas busca chamar a atenção do campo da pesquisa semiótica para a centralidade do problema teórico e político do racismo, como também representa um esforço em

convidar a comunidade negra e os movimentos antirracistas a se apropriarem dos estudos semióticos no sentido de qualificar o debate público de combate ao racismo.

O cotidiano, enquanto dimensão fundamental da vida social, é um objeto imprescindível para pensar o funcionamento semiótico do racismo. É no cotidiano que as violências, legitimada e institucionalizada nas estruturas, opera a manutenção da desigualdade racial. Por outro lado, existem tensões e resistências. Práticas sociais são, a todo momento, questionadas, e há reverberação na semiose, ainda que de maneira lenta e assimétrica. Estas tensões proporcionam fissuras nas formações discursivas hegemônicas, abrindo brechas para a possibilidade de novas formações discursivas. O renascimento dos símbolos do movimento “Black Panther” e toda a mobilização antirracista da contemporaneidade são exemplos disso, bem como todo o movimento pelos direitos civis nos anos 70. No entanto, outros desafios se impõem nos processos de disputa, desde a sofisticação da violência racial para formas aparentemente mais brandas, até a apropriação da pauta por setores conservadores e pelo grande Capital - movimentos que desidratam politicamente a luta antirracista, esvaziando-a em falas míticas que a transformam em mercadoria.

Ainda com os avanços, a luta antirracista segue enfrentando árduos obstáculos. Além do renascimento de ideologias ultraconservadoras representadas sobretudo pelos governos do Brasil e Estados Unidos, o fenômeno da dataficação e o poder cada vez mais incontornável dos algoritmos tem prejudicado muito a correlação de forças sociais, políticas, econômicas e simbólicas para os movimentos progressistas pró-direitos humanos e igualdade racial. O mesmo ambiente - a internet - que viabiliza a emergência de vozes, narrativas e movimentos contra-hegemônicos, inclusive a mobilização de campanhas antirracistas como a Black Lives Matter¹⁵, também é cenário para o aprofundamento do capitalismo de dados e da reprodução de padrões racistas, sexistas e altamente perversos de estratificação social. A hierarquia segue consistente entre quem pode falar e quem não pode, a partir da desigualdade do alcance e da distribuição dos conteúdos disponíveis nas redes - isto sem falar na abissal desigualdade no acesso aos dispositivos e habilidades técnicas para lidar com o ambiente digital.

Pensar uma semiótica antirracista, portanto, vai além dos velhos problemas de construção do sentido nos textos midiáticos, e se depara com o desafio de lidar com uma

¹⁵ Vidas Negras Importam é o nome de uma campanha internacional, com origem afro-americana, de denúncia contra a violência racial contemporânea. Ver mais em <https://blacklivesmatter.com/>

sociedade cada vez mais mediatizada e mediada por estruturas não-discursivas - como os algoritmos. Além de um problema teórico potente e sub-explorado do ponto de vista semiótico, combater o racismo e todas as formas de desigualdade deve ser tomada como uma responsabilidade por toda a comunidade científica que se vê ameaçada pelo obscurantismo político e autoritarismo econômico do capitalismo de dados. Acreditamos que a Semiótica pode cumprir um papel estratégico e singular na conjuntura onde os discursos, as imagens e as linguagens ocupam, mais do que nunca, um espaço fundamental na mediação das relações de poder e nas disputas entre velhas e novas formas de vida.

REFERÊNCIAS

- BARTHES. 1993. *Mitologias*. 9. São Paulo, Bertrand Brasil - DIFEL.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985
- COLLINS, Patricia. **Black feminist thought : knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. 2nd ed. 1948
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p.89-130
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7º.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. M. A ordem do discurso. Editora Loyola: São Paulo, 1996.
- GOMES, R. OLÍMPIO, C. SANTANA, C. **Algoritmos de relevância social e a produção de (in)visibilidades políticas**. XV Enecult: Salvador, 2019.
- GRAMSCI, A. . Hegemonia: a racionalidade que se faz história. In: DIAS, E. F. et al. (Org.). O outro Gramsci. São Paulo: Xamã, 1996. p. 9-79
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.
- HALL, S. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Editora UFMG: Brasília, 2003. p. 387-404
- hooks, bell. **Olhares Negros: raça e representação**. Ed. Elefante, 2019.
- PEIRCE, C. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- RANCIÈRE, J. **O desentendimento**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 2006
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Cultrix: São Paulo, 2006. p.79-84
- SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p.73-124.
- VERÓN, E. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo, RS : Ed. UNISINOS, 2005. p. 215-238.